

# John Keats – Ode à melancolia

I

Não, não vás ao Letes, nem retorças as raízes  
Em feixes do acônito para forjar o vinho venenoso;  
Nem deixes tua pálida frente ser beijada  
Pela beladona, uva rubi de Prosérpina;  
Não faças teu rosário com as bagas dos teixos,  
Nem deixes o besouro, ou a mariposa da morte  
Ser tua lúgubre Psique, nem a coruja de penas macias  
Ser parceira dos mistérios da tua dor;  
Sombra a sombra letárgica virá,  
E afogará a angústia desperta da alma.

II

Mas quando o ataque da melancolia cair  
Súbito do céu qual nuvem em pranto,  
Que revigora as flores cabisbaixas,  
E vela a verde colina na mortalha de Abril;  
Farta então a dor na rosa da manhã,  
Ou no arco-íris da onda salgada na areia,  
Ou na abundância das peônias globulares;  
Ou se tua amada demonstrar ira intensa,  
Ata-lhe a mão suave, e a deixa delirar,  
E nutra-te fundo, fundo nos seus olhos ímpares.

III

Ela mora com a Beleza – Beleza que fenecerá;  
E com a Alegria, cuja mão nos lábios sempre  
Se despede; junto ao doloroso prazer,  
Virando Veneno enquanto a boca-abelha sorve.  
Sim, e no próprio templo do deleite  
A velada melancolia tem seu santuário supremo,  
Embora apenas o vislumbre aquele cuja língua audaz  
Estala no céu da boca a uva da Alegria;

Sua alma provará a tristeza de seu poder,  
E penderá em meio a seus nebulosos troféus.

**John Keats, Nas invisíveis asas da poesia**